

8. CAPOEIRA É E NÃO É...

João Paulo dos Reis Nery

Experiência realizada com base no currículo cultural de Educação Física, desenvolvida com os estudantes do 7º ano da Escola Estadual João Sussumu Hirata, localizada no Jardim Mônica, região do Capão redondo, cidade de São Paulo, durante o ano letivo de 2017.

Ao colocar em prática o projeto, busquei me apropriar das ferramentas utilizadas no currículo cultural, por essa razão, comecei as aulas realizando o mapeamento, buscando conhecer quais práticas corporais eram comuns para os educandos e quais práticas haviam estudado até aquele momento. Para isto, iniciei um bate-papo com os educandos com a intenção de identificar quais práticas corporais (esportes, brincadeiras, ginásticas, lutas e danças) haviam vivenciado na instituição escolar e em outros locais.

A partir das conversas com os educandos, percebi a predominância de algumas práticas corporais relacionadas aos esportes (handebol, futsal, vôlei e basquete), brincadeiras (queimada, rouba bandeira, pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, entre outras), danças (funk, hip-hop, sertanejo, reggae e pagode), ginásticas (hidroginástica, ginástica artística e musculação) e lutas (boxe, capoeira, judô, caratê e jiu-jítsu).

Após citarem diversas praticas corporais vivenciadas dentro e fora da escola, escolho tematizar a capoeira, pois avaliei que o tema lutas ainda não havia sido abordado nas aulas de Educação Física, somando-se ao fato de que esta está presente nas diversas praticas corporais oferecidas pelas ONGs do bairro, e possibilitaria discussões mais amplas sobre o tema.

Na aula seguinte, comuniquei aos estudantes a escolha do tema (capoeira) e combinamos de criar um grupo no Facebook³², para servir como acervo de informações sobre a capoeira e registros das nossas aulas, no qual, no decorrer das aulas, os estudantes postaram diversos textos (vídeos, músicas, fotos, comentários) sobre o tema,

32. Disponível em: <<http://bit.ly/2Oecl4U>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

alguns deles contraditórios, pois as informações, ora afirmavam, ora negavam as verdades sobre a capoeira, por esse motivo o trabalho recebeu o título de “Capoeira é e não é”.



Figura 1. Grupo utilizado para registro das aulas e socialização dos mesmos
Fonte: Acervo do autor.

Na aula subsequente, vivenciamos no pátio da escola a roda de capoeira, a qual foi realizada a partir dos conhecimentos dos estudantes que relataram ter vivenciado a prática corporal em outros locais. Sendo assim, nos reunimos em círculo, batemos palmas, cantamos músicas que os estudantes conheciam e atribuíam à capoeira, e uma estudante da turma ficou responsável pelo registro fotográfico e a postagem das fotos na rede social, conforme combinado nas aulas anteriores.



Figura 2. Roda de capoeira: primeiras vivências
Fonte: Acervo do autor.

Ainda nesta aula, após finalizarmos as vivências na roda de capoeira, realizamos uma roda de conversa para compreender quais significados os estudantes atribuíam à prática corporal. Para dar início à conversa, perguntei aos estudantes o que cada um pensava sobre a capoeira. Grande parte dos estudantes fez seus comentários, mas decidi problematizar a fala de uma aluna que aproximava capoeira e religião.

Quando perguntei o que achava da capoeira, ela respondeu que era semelhante à macumba. Então a questioneei: o que é macumba?

Neste momento, alguns estudantes se posicionaram e disseram não saber o que realmente era, mas acreditavam que se tratava de um ritual, no qual as pessoas buscam fazer mal às outras. Então, quando perguntei a eles se estavam falando sobre as religiões de matriz africana (candomblé e umbanda), ainda demonstrando dúvidas, afirmaram que sim.

Para dar sequência ao trabalho, conversei com os professores que compõem o Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar (GPEF),³³ do qual faço parte, no qual socializei a experiência que estava sendo realizada e sugeriram algumas ações para serem realizadas nas próximas aulas.³⁴

No encontro seguinte com os estudantes, comuniquei que havia postado dois vídeos no nosso grupo do Facebook. Um vídeo mostra judeus ortodoxos praticando capoeira³⁵ e o outro³⁶ mostra um grupo de evangélicos fazendo uma roda de capoeira e cantando músicas evangélicas. No mesmo período, alguns estudantes também postaram textos sobre a capoeira que afirmavam sua relação com determinada religião e outros negavam essa relação. Sendo assim, mais uma vez apareceram textos contraditórios, que aumentaram as possibilidades de olhar para a capoeira.

33. Mais informações acesse: <<http://bit.ly/2DzJFix>>. Acesso em: 20 set. 2018.

34. Essas trocas de experiências ocorreram durante todo o processo e me auxiliaram no trabalho com os estudantes.

35. Disponível em: <<http://bit.ly/2DIdFsu>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

36. Disponível em: <<http://bit.ly/2DBSGrs>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

Após apresentar os vídeos e os textos, a fim de perceber os possíveis efeitos que ocorreram após as vivências, solicitei que os estudantes respondessem por escrito à seguinte pergunta: qual é a relação da capoeira com a religião?

O resultado foi diversificado, alguns estudantes passaram a afirmar ainda mais esta relação, enquanto outros afastavam a capoeira da religião.

Percebo, neste momento, que as afirmações estavam pautadas nos discursos acessados anteriormente e/ou durante o projeto por cada estudante, porém o problema continuava sendo os discursos que inferiorizam as religiões de matriz africana. Logo, passamos a desconstruir tais discursos.

Nas aulas posteriores, a fim de afirmar as diferenças culturais, buscamos fazer analogias entre as religiões cristãs (professadas por igrejas católicas e evangélicas) e as religiões de matrizes africanas (candomblé e umbanda) mencionadas de forma pejorativa pelos estudantes. Então discutimos acerca dos rituais, narrativas, percebemos aproximações e diferenças, alguns estudantes se posicionaram expondo sua opinião e defendendo a narrativa (bíblica) que conheciam, o que nos deu elementos para fazermos paralelos com outras narrativas, possibilitando a ampliação do olhar dos estudantes para compreender as diferentes religiões e a impossibilidade de valorizar uma em detrimento de outras.

Para dar continuidade ao trabalho, iniciamos a aula seguinte conversando sobre a origem da capoeira, pois já havíamos feito algumas pesquisas e as postado na página do Facebook. Durante a conversa, parte dos estudantes atribuía a invenção da capoeira ao mestre Bimba, enquanto outros apontavam Zumbi dos Palmares, e alguns não faziam ideia.

Sendo assim, notei, na fala dos estudantes, uma narrativa confusa sobre os períodos de ocorrência dos fatos que envolvem a capoeira e propus a eles a construção de uma linha do tempo. Então dividi os estudantes em grupos, para realizarem pesquisas e socializarem suas informações por meio de seminário, sendo que a linha do tempo deveria mostrar: a chegada dos escravos no Brasil, a

formação dos quilombos, a capoeira proibida, capoeira identidade cultural e patrimônio cultural.

Simultaneamente, realizávamos vivências de roda de capoeira para ampliar nossos conhecimentos sobre a prática, a cada aula os estudantes traziam novos gestos e músicas que eram socializados com os demais. Nestas vivências, os estudantes relataram a necessidade da presença de alguém com mais conhecimento sobre a prática, assim, surgiu a ideia de convidar alguém para estar presente em uma de nossas aulas. A princípio, pensamos em convidar algum professor das ONG citadas anteriormente, mas ao entrar em contato com eles não foi possível, pois não havia compatibilidade de horário.

Então, nas aulas seguintes, comentei com os estudantes que faria o convite a um colega. Logo, fiz o convite ao professor Marcos Ribeiro³⁷ para relatar suas experiências e nos ajudar a ampliar nossos conhecimentos sobre a prática. Feito o convite, marcamos o dia da visita e, após comunicar aos estudantes, pedi a eles para elaborarem algumas perguntas para o convidado responder no dia do encontro. Até o dia do encontro continuamos realizando vivências na sala de aula e em outros espaços da escola (pátio, quadra, corredores).

Nas aulas seguintes, os grupos que ficaram responsáveis por cada tema apresentavam os resultados de suas pesquisas.

O primeiro grupo socializou com os colegas o tráfico de escravo para o Brasil e citaram alguns possíveis locais de origem desses povos aqui escravizados (Cabo Verde, Cabo da Boa Esperança e Moçambique) e que estes compõem diferentes grupos sociais e culturais (Iorubas, Geges, Malês, Bantos, Congos). Desse modo, ao apresentarem a diversidade de grupos presentes nesse processo, pergunto aos estudantes: quais destes grupos são responsáveis pela criação da capoeira e qual seria a religião professada por esses grupos?

37. Professor da rede municipal do ensino da cidade de São Paulo, ex-praticante de capoeira e integrante do GPEF, local onde este trabalho era socializado quinzenalmente.



Figura 3. Estudantes compartilhando os resultados de suas pesquisas

Fonte: Acervo do autor.

Segundo os estudantes, não é possível apontar qual grupo é o responsável pela criação da capoeira nem a religião desse grupo, pois compreenderam que os lastros da cultura africana estão presentes em muitas expressões da cultura brasileira e, principalmente, na capoeira.

As apresentações geravam provocações e as falas dos estudantes geravam novas problematizações. Nestes momentos, enfatizo alguns sinais que possivelmente contribuem e contribuíram para construção dos discursos que inferiorizam a cultura africana.

Entre as apresentações e as vivências de roda, chega o dia do encontro com o professor Marcos Ribeiro. Sendo assim, nos reunimos na sala de vídeo para iniciar a conversa com o professor convidado, e os estudantes realizavam diversas perguntas, referentes à prática corporal estudada e a experiências do professor com a capoeira. Destacamos algumas perguntas realizadas pelos estudantes:

- Há quanto tempo você pratica capoeira?
- Quais lugares fora do Brasil você conhece por meio da capoeira?
- Como você conheceu a capoeira?
- Qual seu apelido nas rodas?
- Você acha que religião tem a ver com capoeira?
- Você já sofreu preconceito por ser praticante de capoeira?
- Qual gesto você mais gosta de utilizar na roda?
- Para você, capoeira é uma luta ou uma dança?



Figura 4. Entrevista com o professor Marcos Ribeiro

Fonte: Acervo do autor.



Figura 5. Entrevista com o professor Marcos Ribeiro

Fonte: Acervo do autor.

O professor convidado foi respondendo e problematizando a fala dos estudantes, mostrando muito conhecimento sobre a capoeira, contando sua experiência de vida e propondo algumas reflexões. Logo após, seguimos com a exposição do vídeo selecionado pelo convidado com objetivo de apresentar para os estudantes os diferentes estilos de capoeira, diversos ritmos ditados pelos berimbaus e o que representa cada toque (Santa Maria, São Bento, Benguela e outros) quando a roda está sendo realizada.



Figura 6. Professor Marcos Ribeiro apresentando o vídeo selecionado por ele para os estudantes

Fonte: Acervo do autor.

Outras questões surgem com a apresentação dos vídeos, mais uma vez as perguntas foram respondidas e problematizadas pelo professor Marcos Ribeiro.

Nos momentos finais do encontro, realizamos uma roda no corredor lateral que dá acesso à quadra. Com o berimbau sendo tocado pelo professor Marcos e acompanhado pelas palmas dos estudantes, iniciamos a roda, todos foram convidados a entrar nela. No início, os estudantes ficaram tímidos, então o professor deixou o berimbau de lado e entrou na roda, começou a convidar os estudantes que se encorajaram e passaram a vivenciar a roda e arriscar alguns gestos.



Figura 7. Professor demonstrando os gestos da capoeira

Fonte: Acervo do autor.



Figura 8. Vivenciando a roda

Fonte: Acervo do autor.

Encerramos o encontro com o professor Marcos Ribeiro (Caranguejo) com uma ótima sensação, a maior parte dos estudantes teve a oportunidade de participar de alguma forma desta aula. Nos momentos de bate-papo e no momento de roda, a forma como o professor estabeleceu o diálogo com os estudantes foi muito importante, grande parte dos estudantes demonstrou uma ligação afetiva com ele, o que foi essencial para o sucesso deste encontro.

Nas aulas posteriores ao encontro, os estudantes continuaram apresentando os seminários propostos anteriormente e continuamos vivenciando as rodas, agora com um pouco mais de conhecimento que era demonstrado pelos estudantes a cada vivência.

O segundo grupo apresentou sua pesquisa sobre o surgimento dos quilombos. Logo no início da apresentação, muitos estudantes sinalizaram que não sabiam o que era quilombo. Então, o grupo passou a compartilhar informações que ajudariam os demais a compreenderem o que são: relataram a existência de comunidades quilombolas remanescentes até os dias de hoje e suas localizações e citaram a história de Zumbi do Palmares, um dos maiores líderes quilombolas apontados pelos historiadores.

No entanto, as provocações giravam em torno da capoeira, os estudantes, no momento da discussão, queriam saber se a capoeira foi utilizada como instrumento de luta por este grupo de escravizados, criadores das primeiras comunidades quilombolas. Para isso, era necessário um aprofundamento neste tema, pois, pela pesquisa

apresentada pelos estudantes, não era possível afirmar nem negar essa possibilidade. Então, decidimos não avançar neste sentido.

Na semana seguinte, percebo que o movimento causado por conta do projeto gera curiosidade e proporciona alguns comentários na sala dos professores, na conversa com os colegas (professoras e professores), descubro que uma das docentes é praticante de capoeira. Então, faço o convite à professora Bruna para participar de nossas aulas, ela aceita e marcamos a data do encontro. Portanto, achei interessante trazer para o projeto alguém do gênero feminino para desconstruir uma visão de que só homens têm conhecimento sobre a capoeira, ampliando ainda mais as possibilidades de compreender a prática corporal tematizada.

A aula com a professora Bruna foi um encontro em que priorizamos os gestos utilizados nas rodas de capoeira. A docente apresentou para os estudantes uma aula destinada a principiantes na capoeira, em que os estudantes aprenderam uma sequência de gestos (ginga, aú, meia lua, cocorinha) para utilizarem na roda, logo, ela explicou a necessidade destes gestos e que, independente do estilo de capoeira (angola ou regional), eles estão sempre presentes.



Figura 9. Estudantes vivenciando gestos da capoeira apresentados pela professora Bruna

Fonte: Acervo do autor.

Neste dia, nem todos os estudantes ficaram à vontade para reproduzir os gestos apresentados pela docente, porém, os que toparam a experiência dos gestos gostaram da aula e reproduziram os gestos no momento da roda. Já aqueles que não se sentiram a vontade para reproduzir os gestos durante a aula, participaram cantando as músicas, batendo palmas no momento da roda e pareciam habituados aos elementos da capoeira. Dessa forma, a experiência da professora Bruna possibilitou aos estudantes conhecerem um pouco mais a capoeira.

Em buscar de conhecer ainda mais a capoeira, o terceiro grupo trouxe em sua pesquisa a Lei de Proibição da Capoeira (Decreto 847/1890), também conhecida como Lei da Vadiagem, em que apresentaram para turma dados históricos que mostravam a repressão da capoeira. Alguns estudantes não acreditavam que isso realmente havia acontecido, outros se mostravam revoltados com a lei criada neste período.

Após os comentários dos estudantes, voltamos a discutir sobre a inferiorização de algumas culturas e destacamos a cultura afro-brasileira, que naquele período sofria com a repressão de seus costumes (capoeira, samba, candomblé e outros).

Buscando ampliar nossos conhecimentos sobre a discussão da aula anterior, propus aos estudantes que assistíssemos na aula seguinte o filme *Besouro*, pois o este relata a história de um personagem que vive em um período próximo a este retratado pelo grupo.

Durante a exibição do filme, alguns estudantes comentavam e esboçavam algumas reações de medo e questionavam alguns acontecimentos apresentados. Essas falas e reações ocorriam quando uma entidade aparecia ou quando o protagonista do filme realizava alguns prodígios (ficava invisível, voava, “corpo fechado”). Parte dos estudantes, quando via estas imagens, dizia que estes personagens eram demônios, enquanto as ações do personagem que representava o capitão do mato não geravam comentário algum. Então perguntei: *“quais atitudes eram atribuídas ao demônio, a do personagem que representa a entidade ou o personagem que representa o capitão do mato?”*.

Após a pergunta, os estudantes mudaram suas respostas, pois perceberam que as características demoníacas estavam nas pessoas

que perseguiram, matavam, escravizavam as pessoas e não aquelas que procuravam se defender utilizando de sua fé e crença. Para aula seguinte, solicitei aos estudantes que publicassem no grupo do Facebook um relato sobre o filme.

Seguimos nossa dinâmica semanal, o último grupo apresentou sua pesquisa sobre capoeira - identidade cultural e patrimônio cultural. A pesquisa apresentada pelos estudantes nos trouxe um pouco da trajetória da capoeira de instrumento de luta criminalizado para identidade e patrimônio cultural brasileiro.

A discussão neste tema ocorreu em torno dos significados que são transitórios, sendo assim, comentamos sobre uma possível capoeira “original”, utilizada como instrumento de luta, que, posteriormente, foi criminalizada por um decreto. Em outro momento, ela se transforma em identidade nacional e, mais recentemente, em 15 de julho de 2008, recebe o título de patrimônio cultural brasileiro.

De forma geral, pensamos no bate-papo daquela aula que os significados são modificados conforme as mudanças sociais e que as mudanças muitas vezes servem o interesse de alguns grupos.

Depois de todas as vivências já relatadas, havia ainda o desejo de visitarmos um local em nosso bairro, onde a capoeira é praticada. Dessa forma, voltamos a entrar em contato com as ONGs que oferecem a prática corporal e eram frequentadas por alguns estudantes da turma. Porém, isso só se concretizou com a chegada da estagiária Larissa que passou a acompanhar nossas aulas.

Logo nos primeiros dias, a futura professora se colocou à disposição e nos colocou em contato com o professor Giggio que ministra aulas na ONG Casa do Zezinho, instituição que fica próximo à nossa escola. Então, entrei em contato com o professor que observou as possibilidades e prontamente marcou nosso encontro, assim comuniquei aos estudantes que se mostraram empolgados para visitarmos o local.

Chegado o dia do encontro, caminhamos em torno de 15 minutos até a Casa do Zezinho. Ao chegarmos ao local, fomos muito bem recepcionados pelo professor Giggio e pelos demais educadores da instituição.



Figura 10. A caminho da Casa do Zezinho para mais uma aula

Fonte: Acervo do autor.



Figura 11. Conhecendo as dependências da Casa do Zezinho

Fonte: Acervo do autor.

Iniciamos o encontro com o professor Giggio apresentando a estrutura da ONG, logo depois nos dirigimos à quadra, local onde ocorreu a aula, ali combinamos qual seria o formato do nosso encontro, e seguimos para as vivências.

O professor começa contando sobre sua história de vida e sua relação com a capoeira, e depois contou aos estudantes o processo histórico da capoeira, trazendo muitas informações sobre a prática estudada. Neste momento, os estudantes respondiam algumas provocações feitas pelo professor e, mais uma vez, a questão da religião aparece. Os estudantes relatam que um dos colegas apelidado por eles de “Obreiro” não estava à vontade de participar das vivências e do bate-papo por conta da sua religião, então o professor Giggio responde a partir de suas experiências, que é da mesma religião do educando e comenta que isso não o impede de ser capoeirista.

Dando continuidade à aula, o professor apresentou aos estudantes alguns instrumentos utilizados nas rodas de capoeira (berimbaus, agogô, pandeiro, atabaque), então os estudantes fizeram perguntas sobre a construção desses instrumentos e também questionaram sobre as primeiras rodas: a) será que os primeiros capoeiristas utilizavam todos estes instrumentos? b) como os primeiros instrumentos (berimbaus, agogô, pandeiro, atabaque) eram fabricados?



Figura 12. Professor Giggio apresentando os instrumentos aos estudantes, em encontro realizado na Casa do Zezinho

Fonte: Acervo do autor.

Logo após responder todas as questões, Giggio deu a oportunidade de todos os estudantes terem o contato com os instrumentos apresentados. Os estudantes vivenciaram este momento seguindo as orientações do professor Giggio e de alguns estudantes da ONG praticantes de capoeira que estavam colaborando. Em seguida, o professor perguntou se os estudantes conheciam alguma música, ao responderem que “sim”, começaram a cantar, com a ajuda do professor e acompanhados dos instrumentos tocados pelos estudantes da ONG e por alguns estudantes da turma.



Figura 13. Estudantes conhecendo os instrumentos

Fonte: Acervo do autor.



Figura 14. Estudantes cantando e tocando na roda

Fonte: Acervo do autor.

O professor, dando sequência à aula, propôs a vivência dos gestos da capoeira. Sendo assim, iniciou a atividade com aquecimento, depois passou para os gestos específicos da capoeira, em seguida organizou a roda de capoeira, a qual contou com os instrumentos apresentados, diferentes músicas, sincronia e gestos combinados.



Figura 15. Estudantes realizando aquecimento, proposto pelo docente

Fonte: Acervo do autor.

Finalizando o encontro, agradecemos pela oportunidade, a qual propiciou aos estudantes vivenciarem uma roda de capoeira bem próxima das rodas vivenciadas por capoeiristas experientes.

Em seguida, nos organizamos para voltar à nossa escola e, de acordo com os comentários dos estudantes, a experiência proporcionada pelo encontro foi muito agradável, assim concluímos mais uma etapa do nosso projeto.

Para finalizar nosso projeto que durou quatro bimestres, propus uma aula em que os estudantes apresentariam uma roda de capoeira produzida por eles. Então nos reunimos algumas aulas na quadra, onde os estudantes deveriam se organizar em grupos e escolher três músicas (“Manteiga derramou”, “Marinheiro só”, “Quem vem lá sou eu”) e definiria quem tocaria os instrumentos (pandeiro e berimbau), quem entraria na roda. Para os estudantes prepararem as apresentações, foram destinadas algumas aulas.



Figura 16. Estudantes apresentando roda de capoeira conforme solicitado

Fonte: Acervo do autor.

Após esse período, os estudantes apresentaram a roda produzida por eles e, assim, encerramos nosso projeto. Este projeto só foi possível por conta de esforços coletivos, agradeço aos estudantes que são o motivo de tudo, a escola que ajudou em tudo que foi possível, ao grupo de pesquisa GPFE, que colaborou com sugestões, aos professores Marcos Ribeiro, Giggio e Bruna, que proporcionaram momentos de ampliação e aprofundamento do tema, agradeço em nome dos estudantes do 7º ano C, que tiveram, por meio destas vivências, a oportunidade ampliar sua percepção sobre esta prática corporal e sobre o mundo.

